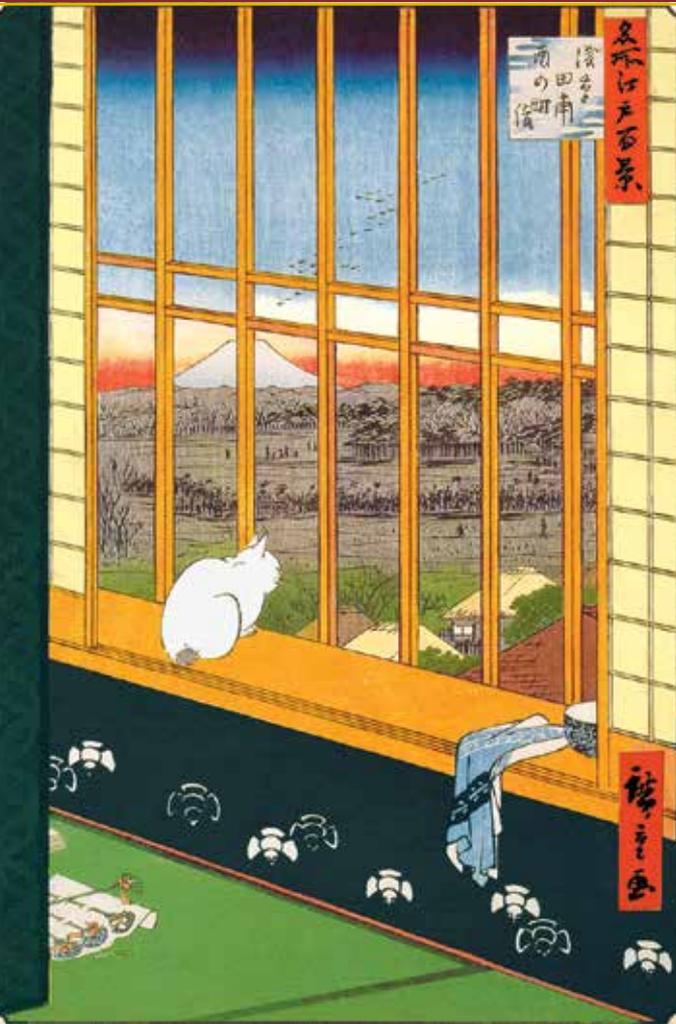


NATSUME SOSEKI



Eu sou
um gato



Estação Liberdade

EU SOU UM GATO

NATSUME SOSEKI

EU SOU UM GATO

Tradução do japonês e notas
Jefferson José Teixeira

3ª edição



Estação Liberdade

Título original: *Wagahai wa neko de aru*
Copyright © Editora Estação Liberdade, 2008, para esta tradução

Preparação de texto Antonio Carlos Soares
Revisão José Cândido de Souza Dias
Consultoria linguística Meiko Shimon
Composição Johannes C Bergmann / Estação Liberdade
Assistência editorial Fabiano Calixto, Leandro Rodrigues e Tomoe Moroizumi
Ideogramas à p. 7 Hideo Hatanaka, título da obra em japonês
Ilustração da capa e quarta capa Utagawa Hiroshige: *Arrozais de Asakusa e Festival de Torinomachi*, da série Cem vistas famosas de Edo, gravura ukiyo-e, c. 1856-58
Editores Angel Bojadsen e Edilberto F. Verza

Nossos agradecimentos ao senhor Takaaki Shigematsu pelas sugestões à tradução.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Odilio Hilario Moreira Junior CRB-8/9949

S715e Soseki, Natsume

Eu sou um gato / Natsume Soseki ; traduzido por Jefferson José Teixeira. - 3. ed. - São Paulo : Estação Liberdade, 2016. 488 p. ; 16cm x 23cm.

Tradução de: *Wagahai wa neko de aru*
ISBN: 978-85-7448-138-8

1. Literatura japonesa. 2. Romance. 3. Era Meiji. I. Teixeira, Jefferson José. II. Título.

2016-366

CDD 895.6
CDU 821.521

A EDIÇÃO DESTA OBRA CONTOU COM SUBSÍDIOS DOS PROGRAMAS DE APOIO À TRADUÇÃO E À PUBLICAÇÃO DA FUNDAÇÃO JAPÃO

JAPANFOUNDATION 

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Editora Estação Liberdade Ltda.
Rua Dona Elisa, 116 | 01155-030 | São Paulo-SP
Tel.: (11) 3660 3180 | Fax: (11) 3825 4239
www.estacaoliberalidade.com.br

我輩は
猫である

Nota dos Editores

Adotamos aqui o padrão empregado em nossas traduções de obras japonesas — o prenome antecedendo o nome de família, à maneira ocidental. No entanto, apresentamos o nome do autor na forma original, com o pseudônimo que escolheu para si próprio, Soseki, grafado depois do patrônimo, de modo que o leitor brasileiro possa conhecê-lo pela denominação que o tornou mundialmente notório.

Natsume Soseki recebeu ao nascer, em 1867, o nome de Natsume Kinnosuke (sobrenome/nome). A partir de 1887, passa a assinar seus escritos com o pseudônimo (Soseki), que em chinês significa “incômodo” ou “estorvo”.

Eu sou um gato.¹ Ainda não tenho nome.

Não faço a mínima ideia de onde nasci. Guardo apenas a lembrança de miar num local completamente sombrio, úmido e pegajoso. Deparei-me nesse lugar pela primeira vez com aquilo a que comumente se denomina criatura humana. Mais tarde, descobri que era um estudante-pensionista², a espécie considerada mais feroz entre todas essas criaturas. Contam que por vezes esses humanos denominados estudantes nos agarram à força para nos comer cozidos. Na época, ignorando esse fato, não me senti intimidado. Experimentei apenas a sensação de flutuar quando o humano me soergueu, pondo-me sobre a palma da mão. Aconchegado nela, pela primeira vez na vida encarei o rosto de um desses seres. Preservo até hoje na memória a impressão desagradável daquele momento. Em primeiro lugar, o rosto, que deveria estar coberto de pelos, revelava a lisura de uma chaleira. Em nenhum dos muitos de minha espécie com os quais mais tarde me deparei observei essa horrenda deformação física. Não apenas isso: bem no meio da face se destacava uma protuberância, de cujos orifícios saía fumaça, por vezes em profusão, que me sufocava e debilitava. Só recentemente descobri provir essa fumaça de algo que os humanos costumam fumar e a que denominam cigarro.

1. No original, “Wagahai wa neko de aru”, que dá título ao livro. Das muitas formas de dizer eu em japonês, Soseki optou pelo pronome de primeira pessoa “wagahai”, cujo uso era restrito a políticos, militares, etc., e se revestia de certa arrogância.

2. Em japonês, “shosei”. O termo designa os estudantes originários geralmente das províncias, que no início da Era Meiji (1868-1912) costumavam se hospedar na casa de uma família da capital e, em troca da estadia, eram incumbidos de tarefas domésticas simples.

Por um tempo permaneci sentado à vontade sobre a palma da mão desse estudante, mas a certa altura comecei a me movimentar com espantosa velocidade. Meus olhos giravam inconscientemente, e não fui capaz de discernir se era o humano que se movia ou apenas eu. Senti vontade de vomitar. Julguei não haver mais salvação para mim quando um impacto me induziu a ver estrelas. Por mais que me esforce, não consigo lembrar o que se passou depois.

Quando dei por mim, o estudante havia desaparecido. Tampouco havia sinal de meus muitos irmãos, antes reunidos a meu redor. Até mesmo a mais importante entre todos sumira: minha mãe. Estava então em um local de luz intensa, completamente distinto do que me acostumara. Sentia dificuldades em manter os olhos abertos de tão ofuscante que estava a claridade. Como tudo era estranho! Ao tentar me locomover, fortes dores me atacaram. De um monte de palha, de repente fui jogado num matagal de bambus-anões.

Ao sair me arrastando dessa floresta, avistei um imenso lago. Sentei-me bem diante dele, ponderando como deveria agir em seguida. Contudo, nenhuma boa ideia me ocorreu. Comecei a miar por um tempo, imaginando que ao me ouvir o humano voltaria para me buscar, mas por mais que me esgoelasse ninguém aparecia. Aos poucos, o sol começou a se pôr; o vento encrespava a superfície do lago. Meu estômago era invadido por uma fome enorme. Queria chorar, mas a voz não saía. Sem alternativa qualquer coisa serviria. Dei então uma volta pelo lago a partir do lado esquerdo, decidido a ir a qualquer lugar onde houvesse comida. Que angústia! Mas suportei. Com esforço, engatinhei até encontrar um local onde poderia haver humanos. Acreditando que obteria algo, passei por um buraco em uma cerca de bambu e penetrei em uma casa. Como é curioso o destino! Se essa cerca não estivesse quebrada, eu provavelmente teria morrido de inanição na sarjeta. Desígnios da sorte, como se costuma dizer. Esse buraco é até hoje meu local de passagem para visitar minha vizinha Mike. Bem, já insinuado na casa desconhecida, ignorava qual o próximo passo a tomar. Lutava contra o tempo: logo anoiteceria, estava esfomeado, esfriava e não demoraria a chover. Procurei então andar até um local claro e confortável. Quando penso

nisso, dou-me conta hoje de que naquele momento eu já estava no interior da casa. Tive ali a oportunidade de me deparar novamente com outros elementos da espécie humana, diferentes daquele estudante-pensionista. A primeira dessas criaturas foi Osan, cuja crueldade superava a do estudante. Logo que pôs os olhos em mim me agarrou de súbito pelo cangote e me atirou para fora da casa. Imaginei estar perdido e, de olhos cerrados, decidi entregar minha sorte à providência divina. No entanto, a fome e o frio eram insuportáveis. Aproveitando uma distração de Osan, penetrei de novo na cozinha. Não demorou muito para eu ser expulso. Lembro-me de que bastava eu ser jogado para fora para voltar, e bastava voltar para ser jogado para fora de novo, quatro, cinco vezes, repetidamente. Não aguentava mais ver esse tal de Osan. Só quando há pouco dei o troco, roubando um peixe agulhão que ela preparava, senti-me vingado e com o espírito por fim apaziguado. Por fim, quando ela se preparava para me expulsar mais uma vez, o dono dessa casa apareceu na cozinha indagando a razão de tanto barulho. A criada me mantinha suspenso pela nuca na direção do patrão, enquanto explicava o transtorno por que passava ao tentar se livrar do gatinho vira-lata, que cismava em retornar para dentro da cozinha toda vez que ela o colocava para fora. Enrolando os pelos negros sob o nariz, o amo fitou por instantes meu focinho, para apenas afirmar “Então, deixe-o entrar”, voltando em seguida para o interior da casa. Imaginei-o um homem de poucas palavras. Decepcionada, a criada me atirou para um canto da cozinha. E foi assim que decidi morar nessa casa.

Raramente meu amo se digna a me encarar. Ele parece exercer a profissão de professor. Ao voltar da escola, passa o restante do dia trancado em seu gabinete, praticamente sem colocar os pés para fora dele. Todos da casa o consideram muito estudioso. O professor também gosta de exibir seu apego aos estudos. Contudo, na realidade, ele não é tão diligente como o julgam os habitantes desse lar. Por vezes, adentro de fininho o gabinete para espiar, e quase sempre ele está em plena sesta. Em algumas ocasiões, baba sobre o livro que está lendo. De estômago frágil, a tez de sua pele é levemente amarelecida, inelástica e sem viço. Apesar disso, é um glutão. Após ingerir grande porção de arroz, toma

Taka-diastrase.³ Em seguida, abre um livro. Na segunda ou terceira página cai no sono, babando sobre ele. Essa é a rotina de meu amo todas as noites. Mesmo sendo um gato, há momentos em que pondero sobre as coisas. Não há nada mais simples do que a vida de um professor. Pudessem eu renascer na forma humana, desejaria ser um mestre. Se é possível dormir tanto nessa profissão, é sinal de que até mesmo um gato pode exercê-la. Apesar disso, meu amo diz que não há profissão mais árdua do que a de um docente, e costuma se queixar dela a todos os amigos que o visitam.

Na época em que comecei a viver neste lugar, meu amo era o único da casa que demonstrava alguma predileção por mim. A qualquer canto que eu fosse, era rejeitado e ninguém prestava atenção em mim. O fato de até hoje não me haverem posto sequer um nome é prova cabal do pouco valor que me atribuem. Acabei obrigado a me resignar e, na medida do possível, procuro permanecer ao lado de meu amo, por ter sido ele quem me aceitou na casa. Pela manhã, sempre subo no seu colo quando ele lê o jornal. Na hora de sua sesta, trepo sempre em suas costas. Isso não significa necessariamente que eu sinta particular adoração por ele, é apenas uma retribuição por ser ele o único a me demonstrar algum carinho. Depois disso, após várias experiências, decidi dormir pela manhã sobre a bacia de arroz cozido, à noite sobre o *kotatsu*⁴, e na varanda nas tardes de sol. Todavia, o que mais me agrada é quando, caída a noite, penetro no leito das crianças da casa para dormir com elas. São duas meninas, de cinco e três anos, e dormem na mesma cama. Sempre encontro um espaço entre elas onde me enfiar, mas se por infelicidade uma delas acorda me vejo em maus lençóis. As crianças são verdadeiras pestes, em particular a menor. “O gato está aqui”, gritam repetidas vezes e se põem a chorar alto, a qualquer hora,

3. A takadiastase, uma enzima que digere o amido, foi descoberta por Jokichi Takamine (1854-1922), engenheiro químico que se tornou o mais proeminente cientista japonês da Época Meiji. O remédio, Taka-diastrase, muito em voga na época, também passou a ser vendido nos EUA, para onde o doutor Takamine emigrou em 1894.

4. Aquecedor de pés em formato de mesa, ao redor do qual a família se reúne para as refeições e dentro colocam as pernas.

mesmo de madrugada. Quando isso acontece, meu amo, dono de uma dispepsia nervosa, sempre acorda e surge às pressas do quarto vizinho. Ultimamente usa uma régua para me crivar as ancas de fortes pancadas.

Quanto mais observo os humanos com os quais convivo sob o mesmo teto, tanto mais me vejo obrigado a concluir que se trata de seres egoístas. As crianças com as quais às vezes compartilho a mesma cama são particularmente abomináveis. Quando lhes dá na telha, me viram de ponta-cabeça, cobrem minha cabeça com um saco, me atiram para todos os lados, me enfiam dentro do forno. Como se isso não fosse suficiente, basta eu revidar, mesmo de forma leve, e toda a família corre atrás de mim para me molestar. Recentemente, quando eu afiava com delicadeza as garras no tatame, a mulher de meu amo se enfureceu de forma assustadora. A partir desse dia, ela quase nunca permite meu acesso à sala de estar. Pouco se importam se morro de frio entre as tábuas da cozinha. Shiro, a gata branca que mora na casa do outro lado da rua e por quem sinto profundo respeito, comenta sempre que não há neste mundo criatura mais impiedosa do que o ser humano. Pouco tempo atrás, Shiro deu à luz quatro gatinhos, verdadeiros pompons. Porém, mal se passaram três dias, o estudante da casa afogou os filhotes no lago atrás da propriedade. Shiro me contou o fato entre lágrimas, afirmando que, para os de nossa espécie poderem expressar seu amor filial e manterem uma vida familiar decente, urge lutar contra os humanos até levá-los à completa extinção. Julgo ser uma argumentação válida. Mike, da casa vizinha, diz, imbuída de enorme indignação, que os humanos não entendem o significado de direito de propriedade. Em nossa espécie, aquele que encontra primeiro uma cabeça de sardinha ou tripas de sargo tem o direito de comê-las. É permitido o uso de força bruta contra os que infringem essa lei. Contudo, aparentemente inexistente entre os humanos essa noção, e as iguarias que encontramos acabam todas por eles confiscadas. Eles usam sua força para usurpar de nós o que teríamos o direito de comer. Shiro vive na casa de um militar, e o amo de Mike é advogado. Eu simplesmente vivo na residência de um professor, e com relação a isso posso me considerar mais felizado que meus amigos. Minha vida cotidiana é de total tranquilidade. Os humanos, por mais

humanos que sejam, não prosperarão para sempre. Esperemos pois pacientemente o advento da era dos felinos.

Esse pensamento egoísta me lembra um fracasso devido à presunção de meu amo, que gostaria de compartilhar com os leitores. Meu amo é sempre incapaz de exibir superioridade sobre outros humanos em qualquer coisa que se disponha a executar, mas experimenta constantemente um pouco de tudo. Compõe *haikus*, que envia para a revista *Hototogisu*⁵, colabora com poemas em estilo moderno para a revista *Myojo*⁶, redige artigos em um inglês entremeado de erros, em certa ocasião tornou-se aficionado por arco e flecha e estudou recitação, de outra feita tocou desafinadamente violino, porém sem sucesso em nada em que se empenha. Quando principia algo, nem mesmo sua fraqueza estomacal serve para lhe mitigar o entusiasmo. Canta dentro do banheiro, repetindo “Eu sou Munemori de Taira”, estrofe de certa canção, pouco se importando com o apelido posto pela vizinhança de “Gogó de Mictório”. Ao vê-lo, os vizinhos em tom jocoso dizem “Lá vai o Munemori”. Sabe-se lá a razão, transcorrido um mês de minha chegada, no dia de seu pagamento, meu amo voltou às pressas carregando um enorme pacote. Eu tentava adivinhar o que ele comprara. Era material de aquarela, pincéis e papel Whatman. Supus que ele fosse abandonar naquele mesmo dia a recitação e o *haiku* para se dedicar à pintura. De fato, a partir do dia seguinte, e durante algum tempo, não fazia outra coisa senão pintar diariamente em seu gabinete, sem sequer interromper para a sesta. No entanto, ao ver o produto final, ninguém sabia identificar o que fora pintado. Meu amo também deve ter considerado o resultado pouco promissor, pois certo dia, quando um de seus amigos envolvido com artes veio visitá-lo, ouvi o seguinte diálogo:

— É difícil obter bom resultado. Vendo os outros pintarem parece simples, mas só ao pegar no pincel se vê que as coisas são mais complicadas do que aparentam ser.

5. Revista de *haikus* publicada a partir de 1897 pelo poeta Shiki Masaoka, na qual também foi editado *Eu sou um gato*.

6. Revista de poesia publicada a partir de abril de 1900 pelo poeta Yosano Tetsukan.

Essa era a reflexão profunda de meu amo e representava a expressão da mais pura verdade. O amigo o fitou por sobre a armação dourada dos óculos.

— É natural não se pintar bem logo de início. Em primeiro lugar, é impossível pintar algo trancado dentro de quatro paredes usando só a imaginação. No passado, o grande mestre italiano Andrea del Sarto⁷ afirmou que toda pintura deve ser a expressão fiel da natureza. No céu, há corpos celestes. Na terra, brilha o orvalho. Pássaros voam. Animais correm. No lago, há carpas. No inverno, corvos pousam sobre árvores decrépitas. A natureza é em si uma imensa pintura viva. Se sua intenção é realmente pintar algo, aconselho-o a começar com esboços.

— Ah, quer dizer que Andrea del Sarto afirmou isso? Eu desconhecia por completo. Ele está coberto de razão. É uma grande verdade.

Meu amo se mostrava impressionado em excesso. Percebi um sorriso de escárnio por detrás da armação dourada dos óculos do amigo.

No dia seguinte, quando eu tirava agradavelmente na varanda minha costureira sesta, meu amo, em uma atitude rara, saiu do gabinete e se postou atrás de mim, parecendo ocupado com algo. Como seu movimento me despertou, entreabri os olhos para constatar que meu amo estava absorto em se fazer passar por Andrea del Sarto. Ao ver a cena, não pude refrear o riso. Por causa da pilhéria do amigo, ele resolveu fazer esboços e me pegou para ser seu primeiro modelo. Eu dormira o suficiente. Estava doido para bocejar. Porém, me contive, pois seria lamentável que meu movimento perturbasse meu amo, tão concentrado naquele momento no manejo de seu pincel. Desenhara meu contorno e coloria justamente a área do rosto. Confesso que, como gato, nada tenho de esplêndido. Não considero meu corpo, pelos ou o formato de meu focinho superiores aos de outros de minha espécie. Contudo, é impossível, mesmo para um ser destituído de particular beleza como eu, aceitar que minha aparência seja tão ignóbil quanto aquela desenhada por meu amo. Em primeiro lugar, a cor era diferente. Assim como os gatos persas, possuo o pelo com manchas cinza-claro entremeadas de tons

7. Andrea del Sarto (1486-1531). Pintor italiano da escola florentina.

de amarelo e partes em cor de laca. Esse é um fato incontestável por todos aqueles que baterem os olhos em mim. Ora, meu amo não utilizou nem o amarelo nem o preto. Tampouco empregou o cinza ou o marrom, muito menos qualquer combinação dessas cores. Só se poderia avaliar o desenho como o de um tipo único de cor. Além disso, era curiosa a falta dos olhos. Seria algo até compreensível pelo fato de ser o esboço de um gato adormecido; mas, por não se poder discernir sequer um local onde os olhos supostamente deveriam estar, era impossível afirmar com convicção se o gato estaria dormindo ou se seria cego. Imaginei que mesmo Andrea del Sarto não se sentiria à vontade caso visse o esboço. No entanto, sou obrigado a confessar minha admiração ao constatar o entusiasmo de meu amo. Na medida do possível, eu desejava permanecer inerte, mas precisava urinar já havia algum tempo. Os músculos de meu corpo formigavam. Ao chegar ao ponto em que se tornara impossível esperar mais um minuto sequer, fui forçado a alongar minhas patas de maneira rude, baixar o pescoço e soltar um enorme bocejo. Sob tais circunstâncias, era impossível permanecer imóvel. Como já estragara mesmo os planos de meu amo, decidi ir me aliviar atrás da casa; comecei então a engatinhar devagar. Nesse mesmo instante, do interior da casa meu amo berrou “Peste de gato!”, numa voz imbuída de um misto de indignação e revolta. O professor tem o hábito de usar esse “peste” sempre que maldiz alguém. Não conhecer outras formas de praguejar é algo irremediável, mas julgo ser uma falta de respeito direcionar esse termo indiscriminadamente a alguém que até aquele momento aguentava com tanta paciência. Se ele o vociferasse com sua habitual fisionomia complacente de quando lhe subo às costas, eu poderia suportar com resignação esse abuso verbal. Mas como é cruel ser chamado de “peste de gato” por alguém que nunca me fez nenhum agrado em particular, apenas pelo fato de eu me levantar para ir urinar. É da natureza de todo ser humano encher-se de empáfia e ufanar-se da própria autoridade. Se não aparecer ninguém mais forte que possa maltratá-los, não sei até onde sua presunção poderá chegar. Se seu egoísmo parasse nesse nível, seria suportável, mas já tive notícia de que a depravação moral dos seres humanos é inúmeras vezes mais lamentável.

Nos fundos de minha casa, há uma plantação de chá de uns trinta metros quadrados. Não é tão ampla, mas é um local limpo, agradável e ensolarado. Quando as crianças da casa fazem barulho a ponto de me impedirem de tirar a sesta, ou quando estou entediado ou com má digestão, sempre me desloco até lá para desanuviar o espírito. Por volta das duas da tarde de certo dia quente de final de outono, logo após acordar de uma pestana tirada depois do almoço, me dirigi até a plantação de chá em busca de algum exercício. Passando por cada uma das plantas, cheguei próximo à cerca de cedros do lado oeste, onde percebi um grande gato dormindo profundamente sobre crisântemos secos, amassados por seu peso. Ele, creio, não se dera conta de minha aproximação, ou apenas fingira não ter me notado, bocejando enquanto permanecia dormindo alongado de lado. Não pude deixar de admirar a audácia desse invasor de jardins alheios em dormir com tanta tranquilidade. Era um gato totalmente negro. Os raios de sol transparentes de pouco depois do meio-dia se irradiavam sobre seus pelos, dando a impressão de que uma chama invisível incendiava sua pelugem. Sua estrutura corpórea bem lhe valeria entre os gatos o apelido de Rei. Certamente tinha no mínimo o dobro de meu tamanho. Repleto de admiração e curiosidade, sem pensar me postei diante dele e o observei com atenção. Foi quando a brisa outonal passou sobre a cerca de cedros, atingindo de maneira suave os galhos do plátano e lançando duas ou três de suas folhas sobre o monte de crisântemos secos. O Rei abriu de repente seus enormes olhos redondos. Mesmo agora eu me recordo daquele momento. Seus olhos brilhavam com mais beleza que o tão valioso âmbar para os seres humanos. Ele permanecia inerte. Concentrou em minha testa uma diminuta luz, como que atirada do fundo de um de seus olhos, e me perguntou: “Afinal, quem diabos é você?” Partindo de um rei, seu linguajar me pareceu um pouco deselegante, mas havia no fundo de sua voz uma força capaz de acabar com um cão, me inspirando certo pavor. Julgando perigoso não cumprimentá-lo, respondi com calma, mostrando indiferença: “Eu sou um gato. Ainda não tenho nome.” Entretanto, naquele momento meus batimentos cardíacos se aceleravam acima do normal. Num tom de menosprezo e de considerável arrogância, revidou:

— Quê? Gato? Difícil de acreditar. E onde você se esconde?

— Moro aqui mesmo, na casa do professor.

— Bem que eu imaginava. Rapaz, você está pele e osso — afirmou ele com a empáfia própria dos monarcas.

Pelo modo de falar, certamente não devia ser um gato de família respeitável. Contudo, suas formas adiposas e obesas mostravam que estava sendo bem-alimentado e deveria levar uma vida próspera.

— Afinal de contas, quem é você? — não resisti em perguntar.

— Sou Kuro, da casa do puxador de riquixá — respondeu triunfante.

Não havia nas redondezas quem não conhecesse o vândalo Kuro da casa do puxador de riquixá. Mas, para um gato de uma casa como a dele, mantinha poucos relacionamentos, pois apesar de sua força era desprovido de qualquer educação. Era o tipo de felino de quem todos querem manter distância. Senti certo embaraço ao ouvir seu nome, ao mesmo tempo que brotava em mim certo desdém. Lancei-lhe a seguinte pergunta para avaliar o grau de sua ignorância:

— Quem você julga superior, um professor ou um puxador de riquixá?

— Sem dúvida um puxador de riquixá tem mais força. Veja como seu dono é franzino.

— Como gato de um puxador de riquixá você parece também muito forte. Seu dono deve alimentá-lo bem.

— Procuo comer sempre do bom e do melhor aonde quer que vá. Em vez de perambular o tempo todo por este campo de chá, me acompanhe e garanto que em questão de um mês estará mais gordo, irreconhecível.

— Quem sabe um dia. Mas acho que o professor mora em uma casa maior do que a do seu amo.

— Deixe de tolices. Por maior que seja, uma casa não enche barriga.

Ele parecia muito irritado, e afastou-se rápido movimentando suas orelhas semelhantes a varetas de bambu pontiagudas. Foi a partir desse dia que eu me tornei amigo de Kuro, o gato do puxador de riquixá.

Depois disso, encontrei-o por acaso inúmeras vezes. A cada encontro ele se vangloriava, como faria um puxador de riquixá. Na verdade, foi ele que me contou sobre o lastimável incidente a que me referi há pouco.

Certo dia, eu e Kuro jogávamos conversa fora deitados no campo tépido de chá. Após repetir orgulhosamente as mesmas histórias de sempre como se fossem novidades, ele se virou em minha direção e perguntou:

— Quantos ratos você já pegou até hoje?

Minha inteligência é indubitavelmente superior à dele, estou certo disso, mas não me comparo a ele quando se trata de força física e coragem. Senti-me embaraçado com a pergunta. Contudo, fatos são fatos. Então, não havendo motivo para lhe mentir, respondi:

— Na realidade, penso sempre nisso, porém até o momento não tive a oportunidade de pegar nenhum.

Kuro soltou uma gargalhada digna de fazer tremular os longos bigodes que ornavam a ponta de seu focinho. Ele é um pouco simplório e parece lhe faltar um parafuso ao se ufanar, mas até que é um gato de trato fácil, contanto que você ronrone e demonstre estar ouvindo suas fanfarrônicas com atenção e admiração. Logo após conhecê-lo, descobri como tratá-lo e, também nesse momento, entendendo que seria tolice piorar o relacionamento caso procurasse defender minha posição, julguei mais prudente deixá-lo contar prosa de suas proezas. Portanto, procurei instigá-lo levemente.

— Claro que, com toda sua longa experiência, você deve ter abocanhado muitos roedores.

Como esperado, Kuro se sentiu vitorioso e aproveitou a oportunidade que eu lhe oferecera de bandeja.

— Nem tanto, mas uns trinta ou quarenta com certeza — respondeu com ar triunfante. — Posso dar conta sozinho de cem ou duzentos camundongos. Mas as doninhas são demais para mim. Já tive uma terrível experiência com uma delas.

— Não me diga! — interrompi, demonstrando interesse.

Kuro prosseguiu, piscando seus grandes olhos.

— Foi na época da grande limpeza, no ano passado. Meu amo engatinhava por baixo do piso da varanda com um saco de carvão, quando uma enorme doninha apareceu completamente desconcertada.

— Hum — murmurei, mostrando admiração.

— Doninhas não passam de ratos de tamanho um pouco maior — disse para mim mesmo. — Persegui a desgraçada até encurralá-la em uma tubulação de esgoto.

— Bravo, bravo! — aplaudi.

— No entanto, na hora H, a peste me solta um peido tão fedorento, que desde aquela época sinto ânsias só de ver uma doninha.

Dizendo isso, levantou a pata dianteira e roçou duas ou três vezes o focinho, como se ainda sentisse naquele momento o odor do ano anterior. Tive pena dele. Tentei animá-lo, dizendo:

— Mas com certeza os ratos não têm nenhuma chance com você. Não é justamente por ser um notável pegador de ratos e comê-los aos montes que está tão gordo e com o pelo tão lustroso?

A pergunta pretendia encorajar Kuro, mas curiosamente surtiu o efeito inverso. Kuro soltou um grande suspiro, dizendo:

— É deprimente pensar nisso. De que adianta apanhar tantos ratos... Não há ninguém neste mundo mais injusto do que a criatura humana. Tomam os ratos que pegamos e os levam ao posto de polícia. Como os policiais não podem discernir quem de fato os capturou, acabam pagando cinco sens⁸ por cada um deles. Graças a mim, meu amo já embolsou cerca de um iene e cinquenta sens, mas nem por isso me regala com uma refeição decente. Os humanos são todos ladrões dissimulados.

Mesmo um iletrado como Kuro era capaz de entender esse raciocínio. Os pelos de suas costas se eriçaram e ele parecia muito zangado. Senti certo mal-estar e voltei para casa inventando uma desculpa qualquer. Desde aquela data decidi nunca caçar ratos. Contudo, mesmo me tornando discípulo de Kuro tampouco saí à cata de outros regalos. Em vez de comer bem, prefiro dormir, algo muito mais apaziguante. Parece que, ao morar com um professor, um gato adquire o temperamento de um docente. Se não tomar cuidado, acabarei também com problemas estomacais.

8. A moeda japonesa, o iene, era dividida em sen (décimo de iene) e rin (milésimo de iene), os quais deixaram de circular na forma de moeda no pós-guerra.

Falando em professores, meu amo parece ter se conscientizado recentemente de que não possui dom para esboços de aquarela, pois escreveu em seu diário em 1º de dezembro:

Encontrei pela primeira vez na reunião de hoje um certo senhor. Ouvi dizer que leva uma vida dissoluta e tem mesmo ares de ser um homem mundano. Homens com caráter semelhante ao dele exercem fascínio sobre as mulheres, e seria mais adequado afirmar que ele fora forçado a uma vida dissoluta do que propriamente a elegera por vontade própria. Sua esposa é supostamente uma gueixa, algo invejável. A maior parte dos que falam mal dos dissolutos são justamente aqueles sem condição de sê-lo. Fora isso, dentre os que se pretendem depravados, muitos não possuem qualificação para a libertinagem. Apesar de não possuírem obrigação de se entregarem a esse tipo de vida, eles se esforçam nesse sentido. Jamais se dão conta de que nunca dominarão essa arte, no que em muito se assemelham a mim com relação à pintura em aquarela. Mesmo assim, se consideram os tais. Se na teoria é possível julgar um homem como bem-sucedido apenas porque bebe saquê em restaurantes e frequenta bordéis, depreende-se que eu também posso me tornar não importa qual aquarelista. Da mesma forma que um rústico camponês é muito superior a um tolo mundano, é melhor que não sejam pintadas aquarelas semelhantes às minhas.

É difícil concordar com essa teoria sobre os homens mundanos. Além do mais, invejar alguém casado com uma gueixa é algo tão absurdo que não deveria escapar da boca de um professor. Todavia, era correta a visão crítica que manifestou com relação a suas aquarelas. Não obstante o inequívoco conhecimento que tem de si, meu amo é incapaz de se desvencilhar de sua petulância. Três dias depois, em 4 de dezembro, havia a seguinte anotação no diário:

Na noite passada sonhei que alguém se apossara de uma das aquarelas que eu pusera de lado por julgá-la imprestável, colocou-a em uma esplêndida moldura e a pendurou entre a porta corredeira divisória e o teto.

Admirando a obra assim emoldurada, senti como se tivesse me tornado um hábil artista. Que indizível alegria! Não cessava de contemplá-la, julgando-a verdadeiramente fenomenal. Mas, ao acordar pela manhã, me dei conta de que, sob a luz matinal, a pintura retornara à sofrível condição anterior.

Meu amo parece carregar seu apego pela aquarela inclusive ao reino dos sonhos. Homens com semelhante disposição de caráter com certeza não se tornam pintores, muito menos homens bem-sucedidos.

Na noite seguinte àquela em que meu amo sonhara com a aquarela, o esteta de óculos de armação dourada veio visitá-lo. Havia tempos não o fazia. Mal se sentou, logo indagou sobre o progresso das pinturas. De fisionomia imperturbável, meu amo respondeu:

— Seguindo seu conselho, empenho-me agora em esboços, e devo admitir que eles me levaram a notar detalhes, formas e delicadas variações de cores que até então despercebia. Se os desenhos se desenvolveram no Ocidente até atingirem a forma atual, isso se deve à ênfase posta neles. Que grande pintor foi Andrea del Sarto!

Sem mencionar absolutamente o que escrevera no diário, elogiava Andrea del Sarto.

— Na realidade, aquilo tudo não passou de invenção minha — confessou o esteta rindo e coçando a cabeça.

— O quê? — perguntou meu amo.

Pelo visto ele ainda não se dera conta de que fora vítima de uma pilhéria.

— Andrea del Sarto, que você tanto admira. O que lhe disse sobre ele foi criado por minha fecunda imaginação. Não achei que você levaria tão a sério. Ha, ha, ha...

O esteta não conteve o riso. Da varanda, eu escutava a conversa e não pude deixar de imaginar o que meu amo escreveria hoje no diário. O esteta era o tipo de homem cujo único prazer era enganar as pessoas, descarregando sobre elas coisas sem pé nem cabeça. Triunfante, prosseguiu, alheio ao impacto causado pelo caso Andrea del Sarto aos sentimentos de meu amo.

— É interessante a grande excitação do sentido cômico que me advém quando por vezes afirmo algo em tom de brincadeira e as pessoas o tomam a sério. Recentemente, após afirmar a certo estudante que Nicholas Nickleby⁹ aconselhara Gibbon¹⁰ a desistir de redigir em francês a *História da Revolução Francesa*, a obra de sua vida, para publicá-la em inglês, foi cômico ver esse estudante, dotado de invejável memória, repetir seriamente durante uma conferência na Sociedade Literária Japonesa o que eu lhe dissera. Cerca de cem ouvintes escutavam com entusiasmo na plateia o que o estudante expunha. Há um outro caso também engraçado. Determinado dia, em uma reunião na qual certo literato estava presente, veio à baila o assunto do romance histórico *Teófano*, de Harrison.¹¹ Eu afirmei ser a obra o que de melhor poderia existir no gênero. Ao comentar que particularmente a cena da morte da heroína era assustadora, um professor sentado defronte a mim, de cuja boca nunca se ouvira confessar desconhecimento sobre algo, confirmou minhas palavras comentando se tratar de uma passagem de verdadeira riqueza literária. Descobri dessa forma que, assim como eu, aquele homem não lera o romance.

Meu dispéptico amo arregalou os olhos e perguntou:

— E como você agiria, depois de soltar essas invencionices, caso o interlocutor houvesse lido o livro?

Meu amo parecia mais preocupado com o transtorno, caso o engodo se revelasse, do que propriamente com a questão de se ludibriar outrem. O esteta não movia um único músculo.

— Bem, bastaria dizer que confundi com outro livro ou algo do gênero — disse em meio a uma gargalhada.

O temperamento do esteta de óculos com moldura dourada se assemelhava em certa medida ao de Kuro. Calado, meu amo soltava círculos

9. Nicholas Nickleby. Um dos mais conhecidos personagens do escritor inglês Charles Dickens (1812-1870).

10. Edward Gibbon (1737-1794). Historiador inglês e membro do Parlamento. Escreveu *Declínio e queda do Império Romano*.

11. Frederic Harrison (1831-1923). Crítico literário e historiador inglês. Publicou em 1904 o romance *Teófano — A cruzada do século X*.

de fumaça de seu cigarro Hinode, e sua fisionomia denotava falta de audácia para semelhante farsa. O esteta prosseguiu, com seus olhos parecendo expressar “por isso não é de se admirar que você pinte tão mal”.

— No entanto, brincadeiras à parte, pintar quadros é realmente uma tarefa complexa. Dizem que Leonardo da Vinci ensinava seus discípulos a reproduzirem em seus desenhos as manchas das paredes de uma igreja. De fato, ao se contemplar com atenção, por exemplo, as paredes de um banheiro cobertas de infiltrações de chuva, pode-se constatar que são formadas por padrões naturais bastante bem elaborados. Procure desenhar também observando com cuidado e o resultado será com certeza muito interessante.

— Essa é sem dúvida mais uma de suas farsas.

— Não, é verídico. Você não acha isso bastante inteligente, que mesmo Leonardo da Vinci poderia ter dito?

— Bem, é inegavelmente inteligente — admitiu meu amo com certa relutância.

Entretanto, ele parecia ainda não se ter entregado à execução de esboços dentro de privadas.

Kuro recentemente começou a mancar. Seus pelos lustrosos começaram a perder a cor e a cair. Seus olhos, que eu elogiava como mais belos que o âmbar, se saturaram de remelas. A perda de vitalidade e a deterioração de sua constituição física me chamaram a atenção. Na última vez que o encontrei no campo de chá, perguntei como se sentia.

— Já tive minha cota de peidos de doninhas e balanças de peixeiro¹² — respondeu.

As folhas de outono, que formavam duas ou três camadas escarlates por entre os pinheiros avermelhados, caíram como num sonho distante e as camélias brancas e vermelhas próximas ao alguidar de água do jardim ficaram desnudas, pois desabaram alternadamente uma a uma suas pétalas. Os raios do sol invernal se estendiam logo cedo sobre os seis ou

12. Bastão de madeira usado para carregar cargas pesadas, suspensas em suas extremidades.

sete metros da varanda voltada para o sul, e, por serem cada vez mais raros os dias em que as brisas frias não soprassem, senti que o tempo de minha sesta se reduzia.

Meu amo vai à escola todos os dias. Ao voltar se enfurna no gabinete. A todos que o visitam confessa estar farto de ser professor. Raramente pinta aquarelas. Por achar que não surte efeito, parou de tomar Taka-diafase. As crianças, ativas como de costume, continuam a frequentar o jardim de infância. Ao voltarem, cantam canções, brincam com bolas de pano, e por vezes me viram de ponta-cabeça me segurando pelo rabo.

Por não comer nada de nutritivo, não engordo muito, mas sou saudável, não manco, e assim vou levando minha vida diária. Recuso-me definitivamente a caçar ratos. Continuo a odiar Osan. Até o momento, ainda não me puseram um nome. Porém, já que não será possível satisfazer todos os desejos, pretendo terminar minha vida na casa desse professor como um gato sem nome.

Os humanos têm quatro patas, mas se dão ao luxo de utilizar apenas duas. Poderiam andar mais depressa se usassem todas, mas se contentam apenas com um par, deixando as restantes estupidamente penduradas como bacalhaus postos a secar.

Tradução de Jefferson José Teixeira

我非牽的
猶心焉

ISBN 978-85-7448-128-8



9 788574 481388